

## O COMPROMISSO DE FIDELIDADE ASSUMIDO PELO TRADUTOR: CONTRADIÇÕES ENTRE O DECLARAR E O DESCRIVER NOS PREFÁCIOS DAS EDIÇÕES BILÍNGÜES <sup>1</sup>

Olivia A. Niemeyer dos SANTOS

**ABSTRACT** *This thesis confronts express statements of translator fidelity with descriptions of the inevitable lack of fidelity resulting in actual translation. In comments and justifications for their work found in prefaces, introductions, and footnotes of bilingual editions, translators betray the tension between attempts to be true to the original and the impossibility of so doing. The paradoxical situation created by such contradictions leads to the questioning of traditional concepts of translation studies and hence the issue of fidelity. For traditional theories, based on the possibility of achieving fidelity to the message present in the original text, and consequently an obligation to do so, the value and importance of this original are taken for granted, leaving the translation in a secondary and rather inferior position and reducing the translator to a mere parasite of the author. The analysis of what translators say about their own work is thus especially significant, since the contradictions reveal that translators resist translation theories which simplify the question of fidelity, even though this objection may be expressed covertly. The tension between fidelity/infidelity which appears in the conflicting statements of translators is constitutive of the process of translation, since in modifying the original, the translated text is intimately related to it.*

### INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa o compromisso de fidelidade assumido pelo tradutor a partir de prefácios de edições bilíngües. Nessas edições, os tradutores, por não serem indiferentes à presença do original ao lado de sua tradução, tendem a comentar e justificar suas escolhas em prefácios, introduções e notas de rodapé, desvendando assim os pressupostos que embasam sua tarefa. Esses textos, tradicionalmente desprestigiados e relegados à margem do livro pela cultura ocidental, revelaram-se instrumentos de

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 29 de janeiro de 1998, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.

maior importância numa análise, pois deflagram o que ficou impensado e censurado por toda uma época. Assim, os comentários nos textos que acompanham o livro são particularmente relevantes para a compreensão do que seja traduzir para o próprio tradutor e quais as bases teóricas que presidem sua tarefa.

A análise dos prefácios das edições bilíngües revelou contradições: as teorias tradicionais, admitindo a possibilidade e o dever de resgatar e transportar a mensagem presente no texto original, colocam os tradutores na situação paradoxal de terem de declarar sua fidelidade ao original, enquanto descrevem as infidelidades inevitáveis de sua tarefa. Assim, o distanciamento entre o que é declarado e o que é descrito constitui o ponto cego, a brecha nos limites cerceadores das teorias tradicionais, por onde se pode - e se deve - problematizar o conceito de fidelidade. Pretendo localizar essas "brechas", apontar os pressupostos que as suportam e, assim, redimensionar o conceito de fidelidade do tradutor, afastando-o do âmbito da possibilidade e do dever.

Inspirada pela análise de Jacques Derrida (1973) sobre o deslocamento entre as declarações e as descrições contraditórias no *Essais sur l'origine des langues* de Jean-Jacques Rousseau, pretendo apreciar esse mesmo deslocamento em prefácios, introduções e notas de rodapé de edições bilíngües. Os tradutores, embasados por teorias tradicionais de cunho lingüístico-estrutural, colocam-se numa posição paradoxal: por um lado, descrevem as inúmeras e inevitáveis apropriações do original, assumindo, de forma velada e indesejada, a autoria do texto de chegada; por outro lado, impossibilitados teoricamente de assumir essa posição autoral, declaram sua fidelidade a uma origem pura e às intenções do autor. Os prefácios, portanto, colocam em foco o anseio de fidelidade do tradutor (declaração) e o que ele efetivamente realiza no ato tradutório (descrição). A posição contraditória dos tradutores, divididos entre recuperação e apropriação, ameaça o próprio conceito de fidelidade e problematiza a polaridade na qual esse conceito se estabelece e se sustenta. A reflexão teórica pós-estruturalista possibilita o gesto duplo de abalar os conceitos dicotômicos e hierarquizantes das teorias tradicionais, cuidando de não reinscrevê-las, na forma inversa, na própria questão que se quer desconstruir. Assim, o jogo entre declaração e descrição atravessa ambos os lados da dicotomia fidelidade/infidelidade, abrindo novos caminhos para a apreciação da questão tradutória.

A apresentação bilíngüe retoma as contradições apontadas nos prefácios, pois as relações que se estabelecem entre os dois textos repetem as relações ambíguas entre fidelidade e infidelidade. Nunca saberemos ao certo se, para o leitor, a apresentação do texto de partida, ao lado da tradução, autoriza as declarações de fidelidade do tradutor ou reforça as suas descrições da infidelidade. A página ao lado representa, portanto, um momento da linguagem trabalhando o original, diferindo e deslocando a possibilidade de captar com fidelidade as intenções originárias projetadas pelo autor.

De um modo geral, este trabalho procura demonstrar que o jogo duplo de fidelidade e infidelidade não anula ou diminui a dignidade do tradutor; ao contrário, as contradições analisadas ampliam o campo teórico, dinamizando a questão da fidelidade e explicitando o que significa traduzir, na nossa cultura, partindo das considerações dos próprios tradutores.

Esta dissertação, assim como a reflexão desconstrutiva de Derrida, não aponta erros ou ingenuidades dos tradutores em questão. A ingenuidade estaria em supor que o sujeito possa controlar de forma absoluta do seu próprio discurso. Os autores examinados por Derrida, assim como os tradutores analisados nesta dissertação, são, ao contrário, atentos e reveladores nas suas declarações contraditórias. Nesses momentos aporéticos, os tradutores dizem, sem saber ou sem querer dizer, que há algo mais em jogo, algo que não pode ser descrito simplesmente como língua materna ou língua, original ou tradução, autor ou tradutor. Apontar e analisar a tensão entre o declarado e o descrito é, portanto, acrescentar alguma coisa ao prefácio que desfaz a tentativa de fazer da tradução um momento harmonioso ou fiel na relação entre tradutor e autor, entre original e tradução. O discurso do tradutor ou do prefaciador se desfaz por si mesmo revelando, nesses momentos de aporia, os pressupostos que embasam suas declarações conflitantes e, conseqüentemente, o esgotamento das teorias tradicionais no tratamento da questão da fidelidade.

### **POR QUE É NECESSÁRIO DECLARAR-SE FIEL?**

A tensão criada pela necessidade do tradutor de declarar sua fidelidade ao original ao mesmo tempo em que descreve as infidelidades inevitáveis do seu ato sugere que, nos prefácios, algo resiste à redução da questão da fidelidade a um jogo de semelhanças e diferenças em relação a uma pretensa mensagem presente no texto de partida. Os tradutores querem salvar, ao mesmo tempo, tudo o que, desde Cícero, fez parte das teorias de tradução: uma origem pura do texto; a paternidade absoluta do autor; a presença, no texto, de uma mensagem transcendental, livre dos abismos da linguagem; a possibilidade de um conteúdo separado da forma, podendo ser transportado para outro sistema lingüístico. Mas também não podem deixar de assinalar as diferenças, colocadas à disposição dos leitores nessas edições, que deslocam esses conceitos tradicionais. Os prefácios, portanto, decompõem essas duas possibilidades (a de recuperação e a da diferença) em dois momentos distintos: o da declaração e o da descrição, tentando conciliar seu ato criativo com a necessidade de proteger os significados supostamente depositados no texto pelo autor.

Essa difícil conciliação é, entretanto, coerente com o pensamento logocêntrico dominante no mundo ocidental, com o sistema que governa os estudos tradicionais de tradução e com a imagem negativa do tradutor construída pela nossa cultura pois, partindo do pressuposto de que a mensagem colocada no texto pelo autor é passível de ser, pelo menos em parte, resgatada e protegida, o tradutor assumiu o compromisso de efetuar essa preservação, para estar de acordo com as teorias tradutórias de sua época.

Para Derrida (1982), a tese da tradutibilidade, da possibilidade de se transportar um conteúdo semântico para outra forma significativa, é a tese da filosofia. Ele pergunta: "o que diz um filósofo quando é filósofo? Diz: o que conta é a verdade, ou o sentido, e o sentido está antes ou além da língua, conseqüentemente, ele é traduzível". A filosofia ocidental, ainda segundo Derrida, define-se como projeto de tradução, como fixação de um certo conceito de tradução e sua história exige, fundamentalmente, a presença de um

significado transcendental independente da língua, resguardado no texto traduzido. Derrida continua:

Só há filosofia se a tradução nesse sentido é possível, portanto, a tese da filosofia é a tradutibilidade, a tradutibilidade no sentido corrente, transporte de um sentido, de um valor de verdade, de uma linguagem na outra, sem dano essencial. Portanto, a passagem, o programa de tradução, a passagem à filosofia, no meu espírito, era isso: a origem da filosofia é a tradução, a tese da tradutibilidade, e em toda parte onde a tradução, nesse sentido, é derrotada, não é nada menos que a filosofia que é derrotada (p. 159-160).

Além de ser indispensável para o projeto filosófico e religioso, a necessidade de postular a presença de uma mensagem inerente ao texto reflete o medo da proliferação desordenada do significado. Declarando a possibilidade de fidelidade estaríamos nos defendendo de uma disseminação dos enunciados que supostamente nos levaria ao caos lingüístico. Sob a aparente veneração do discurso, segundo Foucault (1996), esconde-se uma espécie de temor. Consta o filósofo:

Há, sem dúvida, em nossa sociedade [...], uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso (p. 50).

As declarações de fidelidade dos tradutores denotam o anseio por um significado transcendental, por uma verdade universal que sobreviva, intocável na sua “essência”, às transformações ocorridas durante o ato tradutório; por outro lado as descrições e outras declarações de infidelidade, restituem ao texto traduzido o seu caráter contingente, de acontecimento localizado no tempo e no espaço.

## **OS PREFÁCIOS DAS EDIÇÕES BILÍNGÜES**

Os prefácios mais antigos analisados nesta dissertação apresentaram alguns aspectos recorrentes, como, por exemplo, uma confiança inabalável na dicotomia forma/conteúdo; a noção de interpretação como recuperação respeitosa; as diferenças entre texto A (de partida) e B (de chegada) organizadas em torno de perdas e ganhos em relação a um original estável. Ou seja, a necessidade de mostrar, de alguma forma, seja pela declaração seja pela descrição, que sua tradução é fiel. Essas questões recorrentes nos prefácios dependem, todas, da noção de presença, desdobrada em equivalência entre experiências estéticas e lingüísticas ou entre funções literárias, mas sempre dentro de um enquadramento que presume a recuperação do original e sua re-apresentação em outro sistema lingüístico.

Por outro lado, a análise de alguns prefácios mais recentes revela, de certa forma, que as mudanças introduzidas pela reflexão pós-estruturalista no pensamento ocidental influenciam as teorias de tradução no Brasil, dissolvem as certezas de fidelidade do tradutor e possibilidade de sistematizar essa fidelidade, criando espaço para novas teorias e novos objetivos na pesquisa sobre tradução. O ato de traduzir, abalado pela desconstrução da estabilidade do texto original, pela desconstrução do sujeito cartesiano e pelo conceito de compreensão como interpretação, passa a ser visto como um processo de transformação, mas ainda como transformação de algo presente no texto original. Podemos resumir a mudança gradativa nos prefácios como uma passagem da certeza de reproduzir a mensagem original, para a suspeita de que o conceito de fidelidade é mais problemático do que queriam fazer crer as teorias tradicionais, normativas e sistematizadoras.

Entretanto, a constituição de uma nova teoria tradutória não se dá pela substituição abrupta de teorias tradicionais, mas sim através de um processo vagaroso, no qual novas formas de apreciar a tradução vão paulatinamente substituindo as antigas. A confrontação das teorias tradutórias com uma postura filosófica – como o pós-estruturalismo e a reflexão desconstrutivista – , embora não defina uma nova vertente teórica, projeta desafios para os estudos da tradução, pois cria tensão, lança dúvidas e oferece alternativas, quebrando assim o bloqueio de termos e noções estagnadas. Não se trata, entretanto, de considerar a desconstrução como uma operação cuja aplicação desmontaria ou destruiria sistemas. O objetivo não é negar ou invalidar o projeto teórico dos estudos de tradução mas questionar, de forma mais extremada do que se faz até agora, as implicações teóricas mais pertinentes.

## **O DOUBLE BIND DA TRADUÇÃO**

Portanto, uma nova perspectiva pode ser usada na apreciação e renovação de alguns aspectos dos estudos de tradução. Como vimos pela análise das contradições nos prefácios, a questão da fidelidade ou infidelidade ao texto de partida se constitui por um duplo critério, já anunciado na oscilação tensional entre declarar e descrever, tão recorrente nos prefácios escolhidos. Esse jogo duplo, esse double bind, transparece no prefácio que declara e pede fidelidade e, ao mesmo tempo, descreve e impede essa mesma fidelidade.

Segundo Derrida (1985), pelo double bind, o texto original clama para ser interpretado e, ao mesmo tempo, proíbe a sua compreensão totalizante, o que colocaria um ponto final no jogo infinito da linguagem. Tendo como apoio o mito da Torre de Babel, comenta Derrida: “Essa história narra, entre outras coisas, a origem da confusão das línguas, a multiplicidade irreduzível dos idiomas, a tarefa necessária e impossível da tradução, sua necessidade como impossibilidade” (p.215). A multiplicidade das línguas, sua riqueza e sobredeterminação, impedem a transparência e a univocidade da tradução entre as línguas ou no interior de uma mesma língua. Assim, a tradução torna-se uma lei problemática, uma tarefa impossível, uma dívida que não pode ser quitada, pois não se restitui aquilo que nunca foi dado: o sentido original do texto. Por outro lado, ainda

segundo Derrida, a exigência da tradução não sofre por não ser satisfeita, já que “o original é o primeiro devedor, o primeiro requerente, ele começa por faltar e por chorar pela tradução”(p. 228). Além disso, o autor do original estaria também endividado em relação aos outros textos lidos anteriormente e dos quais ele seria o tradutor, pois um texto acontece sempre a partir da leitura e interpretação de outros textos.

## **O COMPROMISSO DE FIDELIDADE ASSUMIDO PELO TRADUTOR**

O compromisso do tradutor tem tradicionalmente o significado de um contrato assumido com o autor e com os editores de reproduzir o “querer dizer” do autor em outra língua. Entretanto, é necessário considerar que, mesmo declarando essa intenção, ou, num caso extremo, mesmo citando as palavras do autor na língua do original, o tradutor não está falando “a mesma coisa”. Derrida (1982) discorre sob a citação de seus próprios textos, comentando:

Mas seria necessário analisar atentamente essa experiência: escutar um texto que pretensamente escrevemos ou assinamos: de repente, colocam um texto sob nossos olhos, num outro contexto, com uma intenção que é um pouco a sua, mas que não é simplesmente a sua; é, cada vez, uma experiência muito curiosa, muito perturbadora. [...]. O que posso dizer é que nunca é o mesmo texto que retorna; nunca um eco; pode ser muito agradável ou muito desagradável, pode reconciliar, pode fazer amar o que você fez, pode fazer detestar, etc. Há mil coisas possíveis, mas o que é certo, através de toda essa diversidade, é que nunca é o mesmo. [...] assim que parte, assim que partiu, assim que esteja sobre a página, a identidade do texto está perdida, não é mais a mesma ( p. 207-208 ).

A impossibilidade de recuperar o dizer do autor, mesmo repetindo suas próprias palavras, acontece também durante a leitura da tradução. Embora comente suas escolhas em prefácios e notas, o tradutor não pode pretender controlar o jogo de significações do seu leitor, não pode querer que esse leitor assuma por sua vez o compromisso de ser fiel aos significados criados pelo ato tradutório. Durante seu trabalho, o tradutor tem a ilusão de cumprir sua tarefa de resgatar a mensagem do autor e imobilizar o jogo de significações do texto de partida. É essa ilusão que persegue conscientemente; só com ela pode assumir um compromisso e só a ela declara fidelidade.

A partir de uma visão teórica pós-estruturalista da tradução, o compromisso assumido pelo tradutor, ou seja, as relações que se estabelecem entre original e tradução vão se organizar a partir do contexto histórico e social que envolve os dois textos em questão, e das normas literárias que regem as leituras desses textos. O texto A ocupa um lugar na cadeia de significações criada pelo tradutor, dentro de regras rigorosas, e o mesmo acontece com o texto B; da mesma forma, o leitor vai interpretar a tradução e inseri-la na cadeia de significações como faz com o original. É necessário notar também que essas relações permanecem abertas e podem sempre ser analisadas de forma

diferente, pois o leitor nunca é o leitor ideal, que faria uma interpretação previsível, unanimemente reconhecida como correta.

Considerar o conceito de fidelidade, dentro de uma teoria pós-estruturalista da tradução, consiste em abrir mão da ilusão de estar partindo de bases estáveis, como a análise de marcas deixadas no texto pelo autor ou de alguma coisa presente no texto de partida; aceitar que o tradutor é o sujeito e o objeto do estudo da tradução, que aquele que traduz é tão importante para a construção do significado do texto como o que está sendo traduzido; aceitar que a diferença na tradução não é uma questão de escolha, pois o texto de chegada será sempre diferente, mesmo quando a mesma frase é repetida na mesma língua, ou quando o mesmo texto é lido uma segunda vez. Consiste também em abrir mão do conceito tradicional de tradutor cordial e assumir, com responsabilidade, a violência do seu ato, ou seja, aceitar que sua tarefa não é a de desvendar a verdade, mas construir e veicular um texto usando o nome e o prestígio do autor.

## CONCLUSÃO

A possibilidade e o dever de fidelidade aparecem, na maioria dos prefácios analisados, como idéias estabelecidas, confortáveis à primeira vista, pois apoiam-se em séculos de pensamento logocêntrico. As teorias concebidas a partir de possibilidade e dever de fidelidade estabeleceram o ato tradutório como secundário, inferior e concorreram para a criação da imagem do tradutor traidor e humilde. Essa situação pode ser invertida, já que a análise dos prefácios, a partir de reflexões pós-estruturalistas, revelou outro tema: o do próprio tradutor-autor do texto de partida, localizado numa cultura, numa data e numa língua determinada, contradizendo-se nas suas declarações, intrigado com os problemas suscitados pela sua tarefa. A situação aporética dos prefácios atesta uma lucidez inesperada por parte dos tradutores, desvendando as contradições como ponto de rebeldia e resistência às teorias cerceadoras da época, uma alavanca para abalar os limites absolutos entre texto original e tradução, autor e tradutor, língua estrangeira e língua materna.

A edição bilíngüe deflagra a ligação da tradução com o sujeito tradutor, ressalta sua importância e enriquece a relação entre os dois textos em questão, acrescentando indecisão e disseminação à leitura do texto nas duas línguas envolvidas. Ao apresentar uma interpretação legitimada, institucionalizada pela editora, essa edição acrescenta mais uma interpretação às que o leitor construirá a partir da sua própria leitura das duas páginas, problematizando, assim a questão da fidelidade. Nos prefácios, os tradutores, não confirmando nem recusando fidelidade ao original, obedecem a uma lógica estranha, a um double bind que escapa ao domínio e ao controle das teorias normativas e instaura uma ambivalência reveladora nos estudos de tradução. A indecidibilidade evidenciada pelas contradições dos tradutores dinamiza a questão tradutória, abala as idéias usuais sobre original, autoria e língua materna e revela uma nova dimensão do compromisso de fidelidade assumido pelo tradutor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DERRIDA, J. (1973). **Gramatologia** (tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro). São Paulo: Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (1982). **L'Oreille de l'autre**. Montréal: VLB Editeur. Universitaires de France.
- \_\_\_\_\_. (1985). "Des Tours de Babel". In: GRAHAM, J.F. (1985) (org.). **Difference in Translation**. Ithaca e Londres: Cornell University Press.
- FOUCAULT, M. (1996). **A Ordem do Discurso** (tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio). São Paulo: Edições Loyola.